

CENTRO DE FORMAÇÃO

MEPES

ALTERNÂNCIA COMO MODELO EDUCATIVO

A história da educação está cheia de experiências educativas, várias delas tiveram vida muito curta, outras duraram décadas e outras até "séculos..." Entre essas varadas experiências, existentes hoje no Brasil e no mundo, a que utiliza a "Pedagogia da Alternância" está em franca expansão, principalmente no meio rural.

Diante da expansão da educação em alternância, no Brasil, é importante pontualizar alguns aspectos significativos e "classificar" tipos de alternância usadas na educação.

"TIPOS DE ALTERNÂNCIA"

Inúmeras escolas e cursos regulares ou não utilizam formas específicas de alternância de ensino, a seguir tentaremos analisar algumas "experiências" procurando individualizar aspectos educativos e reais contradições.

CURSOS TÉCNICOS:

A maioria dos cursos técnicos de 2º grau em agropecuária dividem suas atividades escolares, em parte prática (ou trabalho prático) e aulas teóricas; em geral quem orienta a parte prática não ministra aulas teóricas e vice-versa. O trabalho é realizado na propriedade da escola e não em casa, isso desvincula o aluno de sua realidade familiar-técnico-cultural, portanto se alternam atividades no mesmo ambiente físico e social, muitas vezes desconectadas entre elas.

No currículo do curso técnico consta um estágio obrigatório, equivalente à uma porcentagem sobre o total de horas/aula do curso, isso em função do jovem completar sua formação técnica.

O estágio que o aluno deve realizar representa um momento curricular muito distante de sua realidade e na maioria das vezes "outro tanto longe" daquilo que poderá realizar profissionalmente em seu futuro. Ambas atividades educativas

(escola e estágios) são tipos de "alternância" muito limitadas onde quase tudo é precedentemente programado e a participação familiar do aluno é nula.

O estágio técnico, "em miúdos" é mais uma transferência de informações que uma autêntica formação, o aluno é mais "espectador que ator". Quem recebe o jovem estagiário, geralmente está preocupado mais nos aspectos **produtivo-econômicos** que **didático-pedagógicos**, que exige o momento formativo. O estágio é "um intervalo..." o qual não facilita a integração do aluno no mundo do trabalho. Enfim, os cursos profissionalizantes, encaram as estadias, fora da escola, não um lugar onde se produz saber autônomo, mas quase um "receptáculo do saber escolar". Atividades educativas concebidas dessa forma podem ser consideradas como "alternância defasadas...".

SEM INTERFERÊNCIA...

ESCOLA

TRABALHO

distante do mundo do trabalho !

CURSO DE ORIENTAÇÃO PARA O TRABALHO:

Os cursos de orientação para o trabalho, os que surgiram no meio rural, o aluno vai a escola pela manhã cedo e volta para casa a tardinha, cumprindo uma carga horária diária de 8 horas. As atividades na escola, são divididas em dois momentos, uma de trabalho na propriedade e outras teóricas, geralmente os dois momentos são pouco integrados didaticamente. Essas atividades práticas "complementares", dentro do recinto escolar, confirmam que, a escola que leva adiante esse tipo de metodologia, encara o meio rural (de onde vem os alunos) como um lugar que não possui capacidades de produzir saber, pelos menos científico, além disso, essa realidade é vista como algo que deve sofrer mudanças, porque é: "ignorante, sem capacidade de renovação, de desenvolvimento, cheia de vícios...", portanto, a melhor forma de "renová-la, modernizá-la..." é retirar o adolescente desse meio...

as horas melhores para refletir e aprofundar questões: técnico-econômicas, sociais, políticas e biofísicas, são ocupadas com um trabalho intenso como assalariado, para auto sustentação e/ou ajudar sua família. Depois de uma jornada de intenso trabalho, restam poucas possibilidades e capacidades para interiorizar e assimilar conteúdos de vários tipos.

"UMA ALTERNÂNCIA EDUCATIVO-COMUNITÁRIA"

A atividade agrícola não conhece idade nem época do ano. Deste crianças até os velhos trabalham na "roça" todos os dias, durante o ano todo.

A família do pequeno proprietário e em parte do meeiro, se organiza de maneira diferente da urbana, porque as relações familiares abrangem também boa parte do "espaço das relações sociais" e até o tempo livre. O universo feminino é bem separado do masculino, isso se reflete também no trabalho na "roça", dentro de casa e nas relações de poder e autoridade, entre componentes da família. Com isso, as crianças aprendem cedo as tarefas "auxiliares"; é freqüentíssimo observar crianças que levam água, comida para quem está trabalhando na lavoura e até "pegam na enxada". Um "pouco mais tarde" (na pré-adolescência) o rapaz ajuda na lavoura: capinando, roçando, juntando bananas, colhendo café, pimenta, cortando cana, ... e ao "cair do dia", montando um animal ou na "canela" reagrupando o gado ou outros animais num só local. As meninas, junto com a mãe ou sozinhas, cuidam das pequenas criações, do asseio da casa, do pátio, do quintal e também dos irmãozinhos menores. Tudo isso mostra como, a pessoa começa trabalhar "desde a tenra idade e o trabalho representa um elemento essencial na socialização e formação da personalidade das crianças e jovens, chegando a ter um valor ético na vida das pessoas".

Todos esses aspectos culturais e sociais, mostram como o tempo disponível para as atividades escolares é sensivelmente menor (do que no meio urbano), isso quer dizer que, qualquer atividade educativa formal-escolar deve ter presente, não só os aspectos culturais mas também os sociais para que possa ser "absorvida pela comunidade onde se situa..."

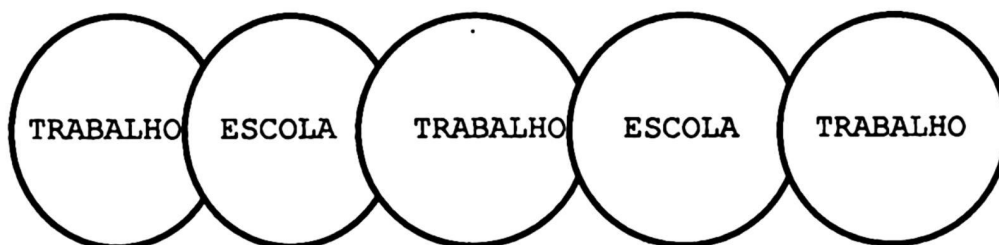
Olhando a natureza que cerca o homem, se observa uma série de fatos: o dia e a noite "um para o trabalho e outro para o descanso", o sol e a chuva dois fenômenos trazem vida para todos os seres vivos. Calor e frio, verão quente e inverno frio..., no quente as plantas crescem rapidamente e no frio "quase descansam..."

Essas e outras coisas, na natureza acontecem de forma alternada. Na natureza cada coisa está no "lugar certo", também se muitas vezes as pessoas não entendem o porque de tudo aquilo que nela acontece. Isso diz que, olhando, trabalhando e pensando, durante o dia a dia e o tempo que dura a vida, as pessoas aprendem muitas coisas, estas, formam a sabedoria o saber do povo.

Então, porque ir a escola se a vida ensina mais que a escola?

A Escola Família entende que, passar um tempo na escola é uma maneira para que a pessoa possa refletir, aprofundar aquilo que acontece no dia a dia, que acontece no meio familiar, regional, nacional e mundial. Aquele tempo que o rapaz e a moça, transcorre na escola família, serve para ver de maneira mais clara ou sistemática (estudo científico) os fenômenos d vida, "perto e longe...".

Na Escola Família quem ajuda o jovem a refletir são os monitores (professores). Eles junto com os rapazes e as moças e a colaboração direta e indireta dos pais e outros, tentam organizar os acontecimentos e conhecimentos que ali são colocados em comum. Isso acontece de forma muito variada: trabalhos de grupo, individual, palestras... como forma de entender melhor os porquês da sociedade e fenômenos naturais assim funcionam. Por ex.: porque existe uma alta inflação, como planta-se as culturas agrícolas, na casa dos alunos e seus problemas, o impeachment do presidente (a partir das impressões dos alunos... pais...).



processo contínuo de aprendizagem em atividades diferentes...
uma atividade interfere na outra...

Olhando bem a, "educação em alternância, é uma forma de obedecer as coisas da natureza e do espírito do homem...".

Na Escola Família Agrícola, o jovem mesmo freqüentando a, continua mão-de-obra ativa no período que passa em casa, inserido em seu ambiente "natural". Esse ir e voltar (uma semana em casa e outra na escola, ou 15 dias e 15 dias, ou ritmos mais longos regulares), ajudas os pais se engajarem diretamente no trabalho da EFA, assim como acompanhar mais intensamente o desenvolvimento intelectual do filho.

A alternância reduz os custos de viagem dos jovens à EFA, porque ele vai e fica, permanecendo nela durante um tempo, aproveita todo o tempo para refletir sobre sua realidade. A alternância ajuda os pais a se sentirem educadores de seus filhos, também quando estão na EFA, porque nela se discute o que na vida rural e fora dela acontece.

O ritmo das alternâncias, a nível pedagógico, não se mede em dia e noite, mas em momentos no meio familiar contínuo e prolongado para permitir ao aluno continuar os trabalhos (junto à família ou parentes) e nos estágios, e buscar nesse meio às respostas porque o Plano de Estudo (PE) e/ou Folha de Observação (FO) e outras reflexões que envolvem todo o grupo familiar e/ou pessoa da comunidade.

O tempo na Escola Família não é um dia, mas um tempo mais longo, para: refletir, aprofundar colocar em comum coisas e fenômenos das vida, em função não de um trabalho memorístico, mas onde a assimilação seja realizada de forma lógica e haja assunção de atitudes. Portanto, o vai e volta, casa-EFA-casa, representa uma "aprendizagem contínua na descontinuidade das atividades sócio-pedagógicas, técnicas, econômicas e políticas.

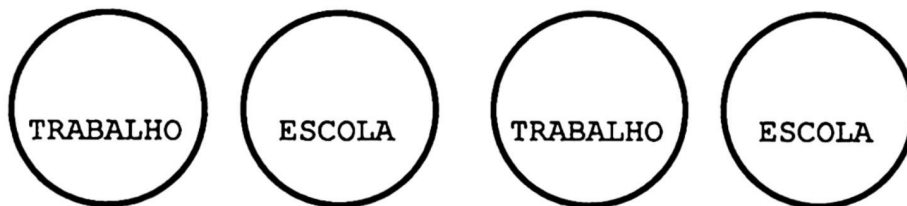
O trabalho envolve tanto a mão como o espírito e os desenvolve, ele estimula o amadurecimento do jovem, faz com que ele se sinta útil, enfim, é o trabalho que cria riquezas e bem estar na sociedade, mesmo que ele hoje, seja pouco valorizado.

O tempo em casa não é só para repousar, mas para viver intensamente o trabalho na terra e na família, brincando e divertindo, observando, fazendo as suas tarefas, etc... O tempo transcorrido na Escola Família Agrícola é um período contínuo, de vivência comunitária (dia e noite, onde o estudo se confunde com as variadas tarefas e trabalhos, todos realizados em função de ajudar a aprendizagem teórico-prática, estimular a integração e a capacidade de convivência entre pessoas de diferentes grupos e meios.

É importante dizer que o estímulo a uma convivência comunitária, pouco se realiza dentro de uma sala de aula, mas muito mais fora dela, por isso, o momento na EFA é transcorrido integralmente: estudando, brincado, fazendo tarefas, comendo, dormindo juntos. Isso tudo num ambiente onde não há empregados, mas colaboradores. Um "certo sentido, na EFA supera-se divisão do trabalho", fenômeno que impregna todos os segmentos das sociedade atual. É uma tentativa de superar a dicotomia entre a teoria e a prática, entre saber intelectual e um saber popular mais pragmático.

O adolescente - jovem, tem oportunidade de, refletindo sobre a sua situação de vida, através das alternância, "tomar a distância" de seu meio, buscar perspectivas, avaliar melhor seu fazer, estimulando a tomada de posições pessoais e até inovar. O jovem participa diretamente do ensino das EFA, porque consigo levarás indagações que percebe no meio ambiente. Graças a organização em alternância, uma na escola e outra em casa ou mais tempo, num meio e noutro, dependendo do calendário agrícola regional, o interesse do jovem é incentivado, se desenvolve e se torna permanente levando-o a

Esse ir para escola e voltar para casa todos os dias (quase só para dormir...) é só alternar meios sócio-físicos diferentes onde não existe ligação, sob aspectos educativos, os dois ambientes: familiar e escolar se contrapõe. Além desses fatos, é importante dizer que, essas escolas como também as outras do meio rural são organizadas nos padrões do meio urbano e não rural. O aluno da "roça" é um trabalhador desde a tenra idade. A família dos meios rurais ainda é um agente educativo importante na transmissão do saber como na transmissão de valores ético-morais.



Vizinhos mas sem relação...

As escolas a tempo integral, do meio rural, retirando o rapaz e a moça de seu meio durante todo dia por um período de tempo amplo e contínuo, causa um "descolamento" cada vez maior entre escola e meio cotidiano do aluno, entre o fazer familiar e um aprofundamento científico. A essas coisas deve-se acrescentar que essas escolas, colaboram diretamente e indiretamente (sem tirar o valor intrínseco dos trabalhos educativos escolares que conseguem ali realizar) em diminuir progressivamente o papel educativo formativo que o ambiente familiar rural possui. Portanto esse alternar: trabalho prático e estudo teórico na escola e meio-familiar sem que esse último participe ativamente do estudo do filho, pode ser considerada um tipo de "alternância-desconectada", porque os dois meios: escola e casa não colaboram para criar "elos continuativos no saber das pessoas".

CURSOS NOTURNOS:

Os cursos noturnos, surgiram como meio de escolarização para aquelas pessoas que "perderam o trem dos estudos" (dentro da faixa etária prevista).

Os cursos noturnos (de 5ª a 8ª série e de 2º grau), o aluno é antes um trabalhador assalariado e depois estudante. Ele utiliza parte de seu tempo de descanso para estudar, maioria das vezes em função de obter "um pedaço de papel", o qual lhes serve para ampliar as suas possibilidades no mercado de trabalho. Curso desse tipo, seu conteúdo e metodologia, não tem ligação com o trabalho que o aluno faz menos ainda com o meio onde vive: portanto, alternar o dia todo trabalhando e a noite estudando, é um tipo de "alternância desequilibrada". ela é desequilibrada psicologicamente porque

uma ação responsável, ele começa a perceber os problemas da comunidade como problemas seus, assume ou tenta fazê-los, se engajando no esforço para encontrar saídas...

Tentando resumir, o que é prioritário na pedagogia da alternância é a dignidade da pessoa como sujeito individual e coletivo. Trata-se de jovens e suas famílias (pequenas ou grandes) e em termo ato da comunidade. Leva-se em conta a totalidade da pessoa como indivíduo e o que ela representa na sua história e em seu meio. Por esse motivo a Escola Família Agrícola ajuda e é em parte fator de desenvolvimento humano-social do meio em que está inserida. Enfim, o período na EFA, "vida em comum", permite a aquisição e consolidação de hábitos sociais e até higiênicos, a busca na superação do individualismo, por trabalho e vivência em grupo, bem como a "garantia de uma Formação Global, pelas reflexões e análises conjuntas da própria realidade e da realidade dos colegas.

Bibliografia Consultada

Sócio-Pedagogia da Alternância

Gil Bourgeon / Mesonance - Alterologia n° 2/19/79